

**SOBRE A NARRATIVA NA PESQUISA EM ARTES CÊNICAS****ABOUT NARRATIVE IN PERFORMING ARTS RESEARCH****SOBRE LA NARRATIVA EN LA INVESTIGACIÓN EN ARTES  
ESCÉNICAS**Arão Paranaguá de Santana<sup>1</sup>

Orcid: 0000-0002-2191-1183

**RESUMO**

O ensaio propõe-se a debater as abordagens metodológicas e a questão da escrita acadêmica na área de artes cênicas, na perspectiva da narrativa. Considerando a experiência do autor como orientador de trabalhos de conclusão de curso, o texto descreve um breve histórico da pesquisa na área de artes, no Brasil, ao tempo em que examina as relações entre a formação de professores/pesquisadores/artistas, as políticas públicas e obras da literatura especializada (KOUDELA; SANTANA, 2005); (BARBOSA, 1999). Por fim, analisa os desafios da preparação para o momento da escrita, no qual a pesquisa adota/cria sentidos, trajetões, estilos e conceitos sob o formato de monografias, dissertações, teses, relatórios de pesquisa e outros textos de cunho literário (JAFFE, 2023; CASTRO, 2018); (GRANDO, 2018).

**Palavras-chave:** abordagens metodológicas nas artes cênicas, pesquisa narrativa, escrita científica.

**ABSTRACT**

The essay aims to debate methodological approaches and the issue of academic writing in the area of performing arts, from the perspective of narrative. Considering the author's experience as supervisor of undergraduate and postgraduate coursework, the text describes a brief history of research in the area of arts in Brazil, while examining the relationships between the training of teachers/researchers/artists, public policies and works of specialized literature (KOUDELA; SANTANA, 2005); (BARBOSA, 1999). Finally, it analyzes the challenges of preparing for the moment of writing, in which research adopts/creates meanings, trajectories, styles and concepts in the format of monographs, dissertations, theses, research reports and other texts of a literary nature (JAFFE, 2023; CASTRO, 2018); (GRANDO, 2018).

<sup>1</sup> Doutor em Artes (2000) pela USP; Mestre em Educação (1983) e Licenciado em Desenho e Plástica (1979) pela UnB; fez Estágio de Pós-Doc em Cultura Visual (2013) na UFG. Suas pesquisas têm natureza interdisciplinar e concentram-se nas artes cênicas e suas múltiplas relações pedagógicas com a cultura e sociedade, dando ênfase a questões afetas à formação docente, metodologia de pesquisa e aos fazeres didáticos.

**Keywords:** methodological approaches in the performing arts, narrative research, scientific writing.

## RESUMEN

El ensayo tiene como objetivo debatir enfoques metodológicos y la problemática de la escritura académica en el área de las artes escénicas, desde la perspectiva de la narrativa. Considerando la experiencia del autor como supervisor de trabajos de finalización de cursos, el texto describe una breve historia de la investigación en el área de las artes en Brasil, examinando las relaciones entre la formación de profesores/investigadores/artistas, las políticas públicas y las obras de literatura especializada. (KOUDELA; SANTANA, 2005); (BARBOSA, 1999). Finalmente, analiza los desafíos de prepararse para el momento de la escritura, en el que la investigación adopta/crea significados, trayectorias, estilos y conceptos en el formato de monografías, disertaciones, tesis, informes de investigación y otros textos de carácter literario (JAFFE, 2023); CASTRO, 2018); (GRANDO, 2018).

**Palabras clave:** enfoques metodológicos en las artes escénicas, investigación narrativa, escritura científica.

## Introdução ao Tema

O debate sobre as metodologias e práticas investigativas em artes tem evidenciado múltiplas possibilidades sobre o pensar e fazer pesquisa, tema que trata inicialmente da formação e profissão dos professores e pesquisadores, como de resto, dos demais saberes alusivos à questão. Há brechas nessa seara de indagações a serem vistas por um olhar que se disponha a entender as origens do problema, conforme se pode depreender a partir do seguinte excerto:

A crítica educacional contemporânea tem evidenciado que muitas práticas pedagógicas [*de pesquisa*] se restringem apenas à aplicação de técnicas desvinculadas de uma justificativa teórica, resultando no afastamento dos reais propósitos da ação educativa em relação às possibilidades de aprendizagem dos sujeitos. Infere-se que essas práticas desconhecem, via de regra, as bases teórico-metodológicas que se foram agregando no decorrer da história, o que assegura a necessidade da discussão sistemática em torno da temática (KOUDELA; SANTANA, 2005, p. 146).

Os autores ressaltam que, do ponto de vista epistemológico, os fundamentos do teatro eram pensados a partir de questões formuladas pela psicologia e educação, podendo ser acrescentada a essa crítica o fato de que a situação nas demais subáreas das artes deu-se de uma forma semelhante. Há atualmente uma literatura vasta e consistente a fundamentar a pesquisa em artes, seja em termos dos pressupostos metodológicos da pesquisa, seja naquilo que diz respeito à didática praticada na sala de aula.

Essa inversão de posicionamento atesta o crescimento da área e seu reconhecimento junto aos órgãos oficiais, fruto da expansão do ensino superior em artes ocasionada pela exigência da Lei

5.592/1971 que, ao prever a atividade curricular educação artística no currículo da educação básica, tornou obrigatória a oferta dos cursos de licenciatura nas Instituições de Ensino Superior / IES.

Nascidos sob o princípio generalista da educação artística - à exceção do que se passou nas universidades cujos cursos nasceram específicos, porque haviam sido criados em momento anterior à lei mencionada (SANTANA, 2000) -, as licenciaturas criadas entre os anos 1970-1990 tornaram-se os atuais cursos de artes visuais, dança, música e teatro, em decorrência da regulação instituída pela Lei 9.394/1996 e pelas resoluções do Conselho Nacional de Educação / CNE.

O livro de Barbosa (1999) denunciou o preconceito existente nos órgãos públicos - CNPQ e CAPES - quanto à concessão de bolsas, nas décadas de 1970-1980, fato que motivou a autora a demonstrar que, já naquela época, existia uma produção profícua, a saber:

Muitos autores já falaram da predominância da cultura oral sob a escrita no Brasil, entre eles os Freires pernambucanos, Gilberto e Paulo,<sup>2</sup> mas é surpreendente comprovar que um autor como Eliot Eisner, que já escreveu vinte e três livros, a maioria deles traduzidos em pelo menos cinco línguas, só passa a constar com frequência de teses brasileiras a partir de ter sido ouvido, no Brasil, num evento que nem sequer era dirigido especificamente para pós-graduação (BARBOSA, 1999, p. 11).

O estudo de Barbosa (1999) inventariou dissertações e teses defendidas entre os anos de 1981 a 1983, e constatou que o intercâmbio conceitual com a literatura internacional especializada não configurava a tônica de grande parte da amostra. Portanto, as dissertações omitiam referências essenciais ao foco dos trabalhos, independentemente do mérito. A argumentação referente a Eliot Eisner, autor das artes visuais, encontra eco nas produções das demais subáreas, a exemplo dos estudos em teatro, que se ressentem da referenciação dos mestres encenadores-pedagogos, a exemplo de Stanislavski, Brecht, Laban, Alfredo Mesquita, Martim Gonçalves, Augusto Boal e tantos outros, de fora ou dentro do Brasil.

A virada de chave deu-se com o fortalecimento da pós-graduação e o aparecimento progressivo de políticas públicas voltadas para o ensino, pesquisa e extensão, com forte participação da sociedade civil no processo de abertura democrática, que forçou os presidentes-militares a permitirem o desmantelamento do estado ditatorial perdurado por vinte e um anos.

Considerando a importância de ser feita uma revisão bibliográfica acerca do assunto, e adotando como foco as teorias e abordagens metodológicas do passado, este ensaio discute as possíveis relações com as abordagens metodológicas que se tornaram recorrente na literatura do séc. XXI. Antecipadamente, vale ressaltar a ascensão da narrativa e sua consolidação progressiva na

---

<sup>2</sup> A autora está se referindo a Gilberto Freire, escritor de 'Casa Grande e Senzala' e Paulo Freire, autor de 'Pedagogia do Oprimido' e outros escritos.

pesquisa acadêmica em artes, bem como a maneira como tudo isso veio a embasar a noção da escrita aliada à criação performativa, assunto a ser visto nas próximas seções.

A partir desse enfoque, o presente texto destaca a necessidade de esclarecer alguns porquês sobre a escrita científica e o formato dos trabalhos acadêmicos - monografias, dissertações e teses -, com o objetivo de evidenciar os conflitos, perplexidades e perspectivas que apresentam-se aos profissionais das artes na formação inicial, aos pós-graduandos e inclusive aos profissionais em estágios avançados da carreira que porventura sintam dificuldade no momento da escrita científica, talvez em razão das formalidades postuladas do setor da educação superior.

### **Experiências e perplexidades de um pesquisador em formação**

Na minha vivência particular, o envolvimento com a escrita de textos acadêmicos deu-se no decorrer da carreira, sobretudo quando passei a ministrar as disciplinas Metodologia de Pesquisa e Metodologia do Ensino do Teatro, ao ingressar no magistério superior.<sup>3</sup> Sei que não interessa ao leitor um texto autocrítico acerca do meu percurso, haja vista que não são generalizáveis os princípios advindos de uma visão única, pois na prática da pesquisa o sentido se constrói na perspectiva da coletividade, a partir de sujeitos concretos e em dadas situações.

Ainda assim, os obstáculos que enfrentei durante a carreira podem ser estendidos, ou melhor, assumidos por muitos profissionais do ramo. Aprendi com meu pai, que também era professor, que a leitura de obras leva ao pensar com criatividade e profusão imaginativa, e assim, ao tempero da escrita. Obviamente que o ato de escrever requer o aprendizado da linguagem, na ótica ortográfica e literária, as quais caminham juntas para favorecer a tradução do pensamento através de significações relativas à realidade e imaginação. Ora, se a produção textual fornece clareza à argumentação e propicia a compreensão do leitor, o desejo de quem escreve adquire o *status* de desígnio, algo que se manifesta na composição de frases, parágrafos e capítulos que resultam numa estética de boa qualidade e atribuem sentido ao conteúdo.

Quando garoto eu tirava notas medianas na escola, mas era bom em redações e gostava de escrever cartas, incentivado por minha mãe. Na juventude, passei a compor poemas e letras de música, ao passo que, na universidade, estudei num curso no qual a teoria sintonizava-se à prática artística; talvez por isso os trabalhos acadêmicos não me trouxeram maiores dificuldades.

---

<sup>3</sup> Isso se deu inicialmente na Faculdade de Artes Dulcina de Moraes, depois ingressei na Universidade de Brasília e finalmente passei a atuar na Universidade Federal do Maranhão, onde me aposentei, embora sem abandonar a lida acadêmica.

Todavia, ao atuar como profissional do magistério, compreendi que a escrita é uma tarefa rotineira; e ao cursar as disciplinas do Mestrado em Educação conheci de uma só vez os sabores salgado, amargo e azedo que polvilham a atividade do escritor. Confesso que não foi fácil penetrar nas entranhas da formalidade teórico-metodológica exigida pelos professores quanto à escrita de textos longos e que abordavam criticamente as obras que os referenciavam. Salvei-me disso graças ao auto esforço e principalmente à orientação habilidosa da Profa. Dra. Hélène Leblanc, que me convidou a rever os estilos narrativos estudados na escola básica. Como nos versos finais da canção **Sol de Primavera**, de Beto Guedes, “(...) a lição sabemos de cor / Só nos resta aprender”.

Foi que fiz, ao redigir um documento sério, ainda assim parecido à maneira como falo no dia a dia, e é claro, mantendo sob controle o planejamento metodológico que me levou a finalização da dissertação. Não fosse o aconselhamento da orientadora, confesso que iria expor, à maneira do defunto/escritor Brás Cubas, a “pena da galhofa e a tinta da melancolia”<sup>4</sup> numa nota introdutória do meu trabalho final de conclusão de curso; afinal, a investigação abordava o fazer diário de um docente à busca de um currículo viável para a escola pública, justo num momento em que sequer havia um curriculoficial. A esse propósito, faz-se necessária a seguinte digressão: se, à época da Educação Artística o exercício da docência não tinha fundamento efetivo, mesmo nos dias correntes, que contam com a BNCC, o magistério em artes continua atônito, sem rumo, perseguido pela legislação, por interesses particulares e pelo *nonsense* de parte da comunidade escolar.

Alguns anos depois, sentindo-me mais experiente e quando já pertencia ao quadro do magistério superior da Universidade Federal do Maranhão / UFMA, o então Conselho Federal de Educação / CFE tornou obrigatória a monografia de conclusão dos cursos de graduação, algo que naquela época era praticado somente nas IES de grande porte. Devido à regulação do poder público, passei a orientar um grupo de graduandos que aguardava a liberação de uma petição impetrada por eles contra a Resolução do CFE, mas que fora indeferida por um tribunal maranhense de primeira instância.

O contato com essa turma de iniciantes em sua lida insana quanto à produção de monografias, em regime de urgência e sem o devido conhecimento de causa, levou-me a sistematizar ideias em torno do ato de escrever, dos mecanismos cognitivos que se reportam a dificuldades na leitura da realidade e “(...) das estratégias que podem ser usadas como ferramentas no processo de aquisição do

---

<sup>4</sup> Citação extraída do livro **Memórias póstumas de Brás Cubas**, de Machado de Assis. Disponível em: <[http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=2038](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=2038)>. Acesso em 05/08/2024.

conhecimento, dentre outras preocupações inerentes ao trabalho do educador” (SANTANA, 1993, p. 23).

É curioso como na espiral do tempo as coisas vão e retornam ao pensamento em diferentes ciclos da vida, pois, somente agora, ao escrever algo referente à mesma temática e motivação do artigo publicado há trinta anos, citado no parágrafo anterior, é que percebo que foi pelas mãos daqueles orientandos que uma determinada preocupação passou a atormentar-me em relação à profissão docente, naquilo que diz respeito à questão da saúde e do bem-estar. Os colegas que atuavam nessa linha de pesquisa, na UFMA, alertaram-me sobre a seriedade de um problema que afeta as condições de trabalho dos professores, e por conseguinte, também a dos estudantes. Passei a ler os estudos que tratavam do assunto, ao tempo em que me dava conta de que aquilo tudo se agravava devido à inexistência de políticas públicas de combate às doenças mentais de cunho nervoso para esse segmento populacional.

O que isso tem a ver com a escrita acadêmica de textos científicos na formação profissional, especialmente no magistério superior? Para mim, tudo, levando em consideração a quantidade de pessoas aflitas à hora da escrita monográfica e que, por isso mesmo, apresentavam sinais de ansiedade, depressão e outras queixas. Passei a ver esse assunto delicado sob um outro prisma, afinal, a profissão docente é das mais vulneráveis às doenças nervosas, de acordo com literatura especializada que aponta como fatores de risco preponderantes a carga de trabalho, a profusão de papéis, o comportamento interpessoal entre alunos e colegas de trabalho etc. (CODO; GAZZOTTI, 2006, p. 49), situação que é similar no panorama internacional (MONTGOMERY; RUPP (2005, p. 458).

A argumentação desses parágrafos introdutórios toma como mote o título do presente ensaio, ao passo em que denota o seu sentido, tendo a ver com a maneira como são apresentadas, aos estudantes de graduação e pós-graduação em formação, as abordagens metodológicas de investigação, suas conseqüentes formas e formatos disponíveis para elaboração dos relatórios científicos.

### **Breve panorama das abordagens metodológicas da pesquisa em artes**

Os procedimentos que permitem a compreensão aprofundada dos fenômenos sociais, filosóficos e artísticos têm como foco os contextos e significados do processo investigativo. Dentre as principais correntes de conceituação, algumas são recorrentes nos cursos de artes e caminham *pari passu* durante a formação dos estudantes.

Nos primórdios, a pesquisa nas ciências humanas utilizou os procedimentos investigativos originários nas ciências duras, os quais se traduziam em modelos investigativos e formatos de textos utilizados nas universidades. Entre fins do século anterior e início do atual, as artes firmaram-se enquanto área de conhecimento, e a partir de então, os pesquisadores passaram a propor abordagens consoantes às suas subáreas; nesse compasso, vêm renovando o formato e o estilo dos trabalhos acadêmicos e das publicações científicas.

Cabe fazer um breve histórico sobre esse trajeto, através da conceituação sumária das principais abordagens metodológicas que favoreceram o norteamento da pesquisa nos cursos superiores de artes, nas três últimas décadas do séc. XX, o que de alguma maneira consubstanciou as possibilidades que se foram consolidando no passar, conforme se segue.

O estudo de caso é uma abordagem que investiga um fenômeno em meio a sua concretude, especialmente quando as fronteiras entre o fenômeno e o contexto não são claramente definidas, sendo utilizado para explorar, descrever e explicar fenômenos complexos. No estudo de Barbosa (1999) há referências a procedimentos relacionados aos estudos de caso<sup>5</sup>, bem como a alguns dos procedimentos a serem abordados nos itens seguintes.

A etnografia constitui um método de pesquisa originado na antropologia, envolvendo a observação e descrição detalhada dos comportamentos, práticas e interações de pessoas em suas comunidades ou ambientes naturais; desse modo, o pesquisador participa do contexto social estudado para obter uma compreensão profunda acerca da cultura sob investigação.<sup>6</sup>

A fenomenologia busca entender a experiência subjetiva das pessoas em relação a um fenômeno específico, ao estudar a maneira como os indivíduos percebem e dão sentido às experiências vividas no processo investigativo. Vários estudos em artes, educação física e outras disciplinas da educação básica fundamentaram-se nessa abordagem.<sup>7</sup>

A pesquisa-ação e a pesquisa participativa, cujos traços de semelhança são passíveis de aproximação, tornaram-se recorrentes nos estudos de artes. Os propósitos dessas abordagens foram

---

<sup>5</sup> **Ensino das artes plásticas nos ginásios vocacionais**, dissertação, Universidade de São Paulo, 1983; **Educação pela arte numa cidade nova, o caso Brasília**, dissertação, Universidade de Brasília, 1982 (BARBOSA, 1999, pg. 177-178).

<sup>6</sup> Os estudos desenvolvidos no âmbito da Universidade de Nova York por Schechner (2012) e Geertz (1998) inspiraram trabalhos recentes dessa abordagem metodológica nas artes cênicas, inclusive de cunho performativo, autobiográfico e/ou (auto)etnográfico, conforme será visto nas seções seguintes.

<sup>7</sup> **O bumba-meu-boi como fenômeno estético**, tese de doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2006; **Pastoril, uma educação celebrada no corpo e no riso**, tese de doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2010 (integrei a banca de examinadores dessas teses).

desenvolvidos originariamente por pesquisadores que trabalham em colaboração com os participantes, na identificação dos problemas e das ações que possam resultar em possíveis soluções.<sup>8</sup>

A análise de discurso visa examinar como a linguagem é usada em diferentes contextos para construir significados e identidades, ao explorar as relações entre linguagem, poder e sociedade a partir de textos escritos, falados, visuais ou encenados, sendo várias as dissertações e teses defendidas na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo que estudaram as temáticas das artes a partir desse enfoque metodológico que, posteriormente, desembocou na semiótica.

Em relação ao uso dessas cinco abordagens metodológicas, convém advertir que há outros modelos além dos referenciados. Ocorre que, após a expansão da oferta dos cursos de pós-graduação em artes - fenômeno iniciado nos anos 1990 e que tornou-se mais visível nos últimos vinte anos -, variadas abordagens de cunho inovador se foram incluindo neste campo de pesquisa, compreendendo um processo ao mesmo tempo de adaptação, miscigenação e inovação.

Para concluir esta seção, infiro que a pesquisa acadêmica desenvolvida entre os anos 1980-1990 inovou os procedimentos criados noutras áreas das ciências humanas, ao tempo em que sinalizou para uma virada pós-modernista, através da qual a literatura científica em artes deu saltos qualitativos rumo à sua reconsideração em termos epistêmicos, como em relação ao estilo e formato dos relatórios de pesquisa, TCC, dissertações e teses.

### **Tempos de virada**

Em razão das mudanças tecnológicas processadas em escala planetária, os anos que antecederam o séc. XXI e o iniciaram, evidenciam transformações culturais significativas. Com a popularização da internet e a conexão interativa entre pessoas e culturas - seja em tempo real, seja através da comunicação remota -, perfilou-se um período de inovação. A propósito, a palavra inovação pertence “ao léxico dos estudos literários há mais de duzentos anos” (GRANDO, 2018, p. 5), contudo, no território das artes, o conceito a ela atribuído alude à ideia de vanguarda e demarca a transição entre modernidade e pós-modernidade.

No contexto brasileiro da produção artística como da pesquisa em artes, artistas e pesquisadores passaram a dialogar mais intensamente com as culturas e os movimentos internacionais, o que favoreceu a disseminação e o acesso a obras artísticas, teorias, metodologias,

---

<sup>8</sup> **Por um teatro na escola, práticas pedagógicas ao rés do chão**, tese de doutorado, Universidade Estadual Paulista, 2020; **Identidade e pertencimento na formação de professores: o curso de teatro na UAB-UNB**, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2017; **Arte educação e contexto cultural: uma pesquisa participante na comunidade de Planaltina**, dissertação de mestrado, Universidade de Brasília, 1983. Integrei a banca examinadora dessas pesquisas, sendo que a última referência, de minha autoria, é citada por Barbosa (1999, p. 178).



práticas e plataformas de atuação. A partir de então, ao mixar elementos regionais às influências vindas de longe, o panorama nacional transformou-se mediante experimentações midiáticas e criação de formas expressivas, fazendo emergir um cenário pautado em temas vinculados aos estudos sobre cultura e sociedade, diversidade cultural, étnica, racial e de gênero, como de outras abordagens atinentes.

Por sua vez, o conceito de teatralidade, que fora criado pelo movimento do teatro de grupo para demonstrar como os coletivos cênicos lidavam com as questões de identidade, política e resistência cultural, tornaram-se centrais para os estudos do teatro. As concepções de criação colaborativa, de revalorização hierárquica das funções internas do grupo e de trabalho baseado em procedimentos coletivizados, além de outras inovações, contribuíram para os estudos do teatro, desde a questão pedagógica a implicações teóricas de maior amplitude.

A postura interdisciplinar da pesquisa em artes, por sua vez, além de acirrar questionamentos acerca das abordagens convencionais, tornou recorrentes as investigações voltadas para práticas artísticas e procedimentos colaborativos que impactaram a produção científica e atribuíram legitimidade à comunidade de pesquisadores. Num contexto institucional em que a área de artes passou a ter autonomia, a narrativa apresentou-se como uma abordagem inovadora, em termos metodológicos e estilo de escrita dos textos. Esse movimento de virada linguística abarcou a ideia de retorno ao sujeito e deu vez aos relatos de criação e docência; às memórias autobiográficas baseadas em testemunhos, diários e imagens; às histórias de vida de personalidades consideradas importantes, dentre outras fontes e temáticas. Consequentemente, um movimento seguinte, compreendido como virada narrativa,

(...) vem assinalando essa mudança nas formas de delimitar, classificar e organizar técnica e socialmente a produção de conhecimentos sentipensantes [*sic*] e relevantes para a vida social, cultural, educativa, estética, emocional e passional dos/as, sujeitos e os sentidos e significados que estes/as constroem e reconstróem enquanto experimentam e narram. Além disso, a expansão e o alargamento do “espaço biográfico” em direção a este território têm convergido e cruzado os estudos narrativos, gerando novas ou outras articulações, zonas de contato, cartografias, trajetórias de pesquisa (SUÁREZ, 2014, p. 9, grifo do autor).

Mesmo que na tradição a arte tenha sido algo somente destinado aos espaços nobres, foi na condição cotidiana que as pessoas desenvolveram táticas relativas às artes do fazer, para então se tornarem pintores, artesãos, músicos, dramaturgos, professores, pesquisadores e outras atividades que incluem habilidades individuais ou manifestações coletivas de matizes culturais diversos. Inspirado nesse princípio, o compromisso de escrever a história torna-se uma espécie de arte do fazer, assumindo significado, limite e linguagem a denunciar “(...) o caráter *nonsense* de toda sentença que tenta uma saída para aquilo que não se pode dizer” (CERTEAU, 1994, p. 69).

Nessa acepção, as relações intrínsecas entre linguagem e historicidade podem até mesmo sugerir o uso do discurso ordinário, enquanto formato da escrita acadêmica, desde que dotada de contundência conceitual e respeito ao léxico; que seja escrito com sabedoria, criatividade e método; e por conseguinte, que não negue o sentido da experiência nem a competência teórica que lhe atribui significação.

Essa poderia ser uma condição para o escritor entregar-se ao prazer de fazer algo que leve o leitor a pensar a partir do que leu; afinal, como narra a canção de Milton Nascimento e Fernando Brant **Nos bailes da vida**, “(...) todo artista tem de ir onde o povo está”.

### **Pesquisa narrativa: o pensar como performance, a escrita como criação**

A narrativa como abordagem metodológica de pesquisa consiste no ato de inventariar histórias acerca de determinado fenômeno, através da qual o investigador coleciona relatos de campo para compreendê-los com a ajuda da literatura especializada, e contando com participantes que se tornam colaboradores durante o processo de investigação. A descrição ou relatório final - melhor dizendo, narrativa -, mostra a experiência de pesquisa tal como foi percebida pelo pesquisador.

Trata-se de uma abordagem qualitativa de pesquisa que explora as experiências vividas por meio de relatos, considerando: o sentido temporal de *o quê* é pesquisado, seu passado, presente e perspectivas futuras; o contexto social, cultural e/ou institucional em que ocorrem os fenômenos, incluindo, os sentimentos, pensamentos e normas que influenciam o processo de coleta dos relatos; o lugar onde as histórias se passam e as experiências relativas à maneira como são narradas.

Ao recontar e reviver histórias, os pesquisadores passam a ser parte do processo e “(...) os dois relatos, o do participante e o do pesquisador transformam-se, parcialmente, graças à própria pesquisa, em uma construção e reconstrução narrativa compartilhada” (CONNELLY; CLANDININ, 1995, p. 23)<sup>9</sup>, considerando que as histórias contadas pelos colaboradores não constituem descrições lineares dos eventos, em si, mas reflexões acuradas sobre como as pessoas dão sentido a si mesmas e ao mundo.

Em diálogo com o(s) participante(s), o pesquisador assume o papel do narrador que constrói a narrativa e atribui fidelidade ao vivido, assim como às suas interpretações, dúvidas e perplexidades decorrentes da experiência. Por isso é que, ao escolher a narrativa, o pesquisador passa a ver o mundo como se tivesse mais de dois olhos para enxergar o que se passa perto e ao longe - algo semelhante

---

<sup>9</sup> Tradução livre a partir do seguinte fragmento: “nosotros nos convertimos en parte del proceso. Las dos narraciones, la del participante y la del investigador, se convierten, en parte, gracias a la investigación, en una construcción y reconstrucción narrativa compartida”.

ao *gestus* brechtiano que revela a historicidade entranhada na experiência, posto que, ao “trabalhar nesse espaço significa que nos tornamos visíveis com nossas próprias histórias vividas e contadas” (CLANDININ; CONNELLY, 2011, p. 98).

Retomo a experiência pessoal para tornar explícito um ponto de vista singular acerca do assunto ora tratado. Ao assumir a tutoria do grupo de pesquisa intitulado Pedagogias do Teatro e Ação Cultural, deu-se início a uma etapa significativa da minha carreira na universidade e na vida privada, graças aos laços de amizade que se foram estabelecendo no coletivo de colaboradores. Os resultados do processo colaborativo empreendido no âmbito desse grupo de pesquisa foram expressivos e impactaram a comunidade universitária sãoluisense, através de trabalhos de conclusão de curso de graduação e pós-graduação, comunicações em congressos, memoriais descritivos de ações artísticas, oficinas e seminários, contando inclusive com a colaboração de pesquisadores que atuam em outras universidades.<sup>10</sup>

Enquanto pesquisadores, os membros do grupo de pesquisa mantiveram-se atentos ao contexto e às relações de poder presentes em suas pesquisas, reconhecendo que as histórias contadas são reconstruídas durante o processo investigativo, e que o papel reflexivo do pesquisador envolve a escuta ativa, a interpretação dos relatos e o reconhecimento da subjetividade inerente ao processo de trabalho. Algumas das produções do coletivo assumiram explicitamente a pesquisa narrativa como abordagem metodológica, outras não, conforme tive a oportunidade de inventariar em dois textos relativos a esse assunto (SANTANA, 2013; 2009). Com o passar do tempo, os estudantes de graduação que avançaram na carreira acadêmica formularam suas próprias abordagens metodológicas, ainda assim, percebo nas suas pesquisas que há sintonias em relação à maneira narrativa discutida neste ensaio. Em relação a isso, destaco um fragmento do artigo de Tissiana Carvalhedeo, inspirado nas lições do Mestre Luiz Pazzini, seu professor e também diretor do Grupo Cena Aberta, ao qual ela esteve vinculada por anos a fio:

Pazzini é, sem dúvida, a base da formação artística, pedagógica e ética de muitas e muitos artistas, professores e pesquisadores, dentre os quais me incluo. Ser sua aluna da universidade e atriz/pesquisadora no coletivo Cena Aberta me levou a um alargamento de leitura do mundo, meu olhar sobre a relação entre arte e a vida, entre um revisitar a minha própria história e sobre a história do Maranhão, sobre ser maranhense e fazer/ensinar/aprender teatro nesse estado. Sou mulher negra, cis, heterossexual, mãe nordestina, pesquisadora, artista e professora de teatro na escola (...) com Pazzini, aprendi a ver o teatro como alargador de fronteiras, e não apenas como entretenimento, informação, ou como mais um componente curricular (...) ensinou a ‘reparar’ minha terra com um olhar político, ético e estético e a questionar sobre o meu papel nesta realidade (CARVALHEDO, 2024, p. 194-195, grifo da autora).

<sup>10</sup> São os seguintes os especialistas citados acima: Adilson Florentino (UNIRIO), José Mauro Ribeiro (UnB), José Sávio Guimarães (UFRN), Lúcia Sander (UnB e NYU), Marcos Bulhões Martins (USP) e Narciso Telles (UFU).

Nos escritos autobiográficos sobre processos pedagógicos, a percepção da experiência do sujeito de pesquisa revela uma dada maneira de ver e expressar o mundo, importando, em especial, o contexto de trabalho e a conceituação estética e pedagógica que se entrelaça à vida do(s) colaborador(es). Entretanto, a escrita geradora do relatório da investigação não se impõe a um juízo de valor moral estático em relação ao material confeccionado, visto que, em um processo pedagógico dessa natureza, “(...) o resultado encontrado visa justamente a valorização dos elementos descobertos de maneira conjunta, coletiva e colaborativa (MATOS, 2005, p. 42).

À essa altura do debate, convém advertir que o objetivo do presente texto não é o de esmiuçar o procedimento da pesquisa narrativa, tampouco abarcar as possibilidades advindas de metodologias similares, mas sim, o de discutir quais contribuições podem propiciar, aos pesquisadores e professores em formação, uma reflexão acurada sobre a escrita de seus relatórios acadêmico-científicos em formato inovador, interdisciplinar e colaborativo.

Numa fissura situada entre a tensão teórico-metodológica imposta à produção científica e as emergências do fazer acadêmico em artes, insere-se o tema da escrita criativa, algo originado na área de literatura e que adota a prática de projetos, ou ensino baseado em projetos de trabalho, a exemplo do ensino de redação ministrado na escola básica, que “faz discursos de apreensão racional e propõe práticas que estimulam o intuicionismo; apresenta e cobra produtos de complexa geração, mas não trabalha o processo de produção de textos nem suas finalidades” (CASTRO, 2018, p. 31).

A inovação mais conhecida da escrita criativa é o formato de oficina, o qual pode ser desenvolvido em aulas de matemática, em laboratórios de química, nos campos de futebol ou mesmo na rua. A atitude modelar da oficina tornou-se recorrente na arte/educação e, tal como numa sofisticada residência artística, cujo espaço, experiência do proponente e duração do processo, vislumbram possibilidades alvissareiras para a formação de artistas e professores de artes.

Nesse mesmo compasso, o ensino de literatura vem preocupando-se com procedimentos que contemplam a leitura de textos, execução de exercícios relacionados a questões técnicas pontuais, reflexões sobre a função do narrador, especulação das relações e entrecruzamentos de tempo e espaço, escolha do foco narrativo, caracterização das personagens, construção dos diálogos e outras ações didáticas que culminam nos escritos dos estudantes, a partir de aulas práticas, participação em festivais, batalhas de rap, *reality shows* e outros processos criativos.

Esse novo cenário criado pela escrita criativa tem potencial para se fortalecer não só enquanto área específica para a formação de escritores, mas como um terreno de reflexões teóricas e metodológicas capaz de influenciar positivamente o ensino superior de literatura como um todo. A integração de parte dessas novidades aos cursos de letras, sobretudo no percurso da formação de futuros professores de literatura da educação básica, diante do atual cenário de

crise e estagnação, mais do que uma possibilidade é uma necessidade, é uma alternativa que já existe e que vem dando resultados (GRANDO, 2018, p. 11).

Os estudos atinentes à escrita criativa, conformam um terreno fértil para as teorias e abordagens que referenciam a investigação em artes, haja vista a possibilidade de relativização da prática da escrita em relatórios de pesquisa, teses e dissertações, etapa em que a academia faz exigências textuais de alto patamar, qualidade e valor. Talvez assim, os escrutínios críticos que se dão em ritos de defesa, nos quais os examinadores levam em conta a capacidade intelectual do estudante a partir do texto colocado sob julgamento, ao passo em que analisam seus possíveis impactos na comunidade científica, também possam ensinar que, saber ouvir e criticar, é fundamental para a reescrita do pesquisador em formação.

O ato de escrever tem múltiplos significados e lados - de quem escreve a duras penas e de quem lê o escrito -, independentemente de sua avaliação quanto ao valor ou utilidade. O rito julgamento e tudo o que lhe antecede, provoca zonas de tensão que podem desamparar os estudantes no estágio da produção textual, embora seja aquele um momento raro de discussão que certamente contribui para a pesquisa e para os empreendimentos futuros do pesquisador.

### **À guisa de conclusão**

Um assunto que já foi abordado neste artigo e tratou das reflexões relacionadas a escrita e saúde mental, retorna agora para dar vez ao entendimento de que o autor narra o silêncio situado no ato da pesquisa e transparece em seu suor quando se isola para enredar a produção textual. Como é difícil superar uma solidão que chega carregada de concepções, valores e referências, por vezes distanciadas da consciência narrativa, ou mesmo da incapacidade quanto ao cumprimento da expressão formal, visto que:

A escola ensinou essa função da escrita como catarse, como libertação, como livre expressão, apenas durante as séries iniciais. Depois, muito rapidamente, tudo acaba por ser direcionado para os textos úteis, com formatos predeterminados e destinatários fixos. A experiência de tantos anos ensinando a escrever, no entanto, me fez aprender que essa dimensão, aparentemente gratuita e inútil da escrita, não pode jamais ser ignorada ou suprimida sob a pena de - uma vez não contemplando esse movimento - não ser o sujeito capaz de fazer direito nenhum outro (CASTRO, 2018, p. 119).

Se há instituições que favorecem a invenção de formatos diferenciados de trabalhos de conclusão de curso aos seus estudantes de graduação e pós-graduação, em países por aí fora, a tradição brasileira vinda das ciências duras impôs às artes o medo da autoria; a defensiva quanto ao processo de criação na produção textual; a afirmação de um suposto princípio em que o documento crítico impede um enlace mais ousado entre texto/imagem e outras relações inerentes às linguagens da arte; por fim, não favorece à criação de ações performativas nos ritos de defesa.

Numa outra via, há cintilações de inovação nos procedimentos de pesquisa que sugerem formatos diferenciados para o trabalho científico e aceitam a linguagem enquanto significação da vida - inclusive em nome da excelência acadêmica - dimensionando, quiçá, uma realidade mais auspiciosa para a universidade brasileira.

Na minha trajetória de professor/pesquisador, aprendei que o ensino das abordagens metodológicas não pode negligenciar a questão da escrita, pois essa é uma prática coextensiva à condição de o estudante tornar-se pesquisador, para quem não basta saber escrever, mas sim, ser capaz de dominar os princípios teóricos e metodológicos do ato da escrita. Visando ressaltar as considerações sobre os princípios que devem ser dominados pelos escritores-pesquisadores, torna-se esclarecedor e seguinte excerto:

É a escrita que faz o texto e é ela quem empresta essa qualidade plástica às obras que escrevemos (...) O processo literário é um exercício de controle e entrega, de afetividade e recepção. É na atitude do espectador que, muitas vezes, somos surpreendidos pela linguagem, capaz de acessar a matéria da memória, do inconsciente e da intuição, a qual, em grande parte, a consciência controladora não tem acesso. (JAFFE, 2023, p. 184)

Ora, se após o lento trabalho de leitura dos textos que embasa a pesquisa e análise dos dados de campo o estudante não souber determinar o seu foco narrativo, eis o problema: falta algo em sua base formativa para tomar decisões no processo da escrita. E, justo num momento em que uma grande parte dos estudantes que tem acesso aos cursos superiores apresentam dificuldade na leitura e compreensão de textos,<sup>11</sup> tal problema adquire maior complexidade. Então, torna-se essencial a preparação dos estudantes nos cursos de graduação e pós-graduação em relação aos princípios do fazer científico e literário.<sup>12</sup>

Sem a pretensão de erigir um manual da escrita de textos acadêmicos, nem mesmo evidenciar quais seriam as experiências modelares a orientar os processos e procedimentos relativos ao ato de escrever, no presente ensaio escolhi paráfrases como forma de dar concisão ao argumento. Neste sentido, para regar o terreno onde plantei o desejo de semear, tomo emprestado um fragmento da tese de doutorado de Abimaelson Santos Pereira, a saber:

Em São Luís, Maranhão, o centro comercial se concentra na parte histórica da cidade. Entre os prédios de arquitetura colonial e as construções modernistas, se encontram lojas, bancos, lanchonetes, camelôs e todo um fluxo variado de pessoas à procura de alguma coisa. (...) Em meio a todos esses aglomerados visuais, táteis e sonoros tão chamativos quanto às inevitáveis concorrências comerciais, dois corpos se movimentam em uma calçada, rente ao meio fio, se

<sup>11</sup> O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica de 2023 demonstra o agravamento das dificuldades de leitura e produção textual por parte dos estudantes.

<sup>12</sup> Essa carência formativa se evidencia justamente num momento em que a sociedade se movimenta em torno da questão. Recentemente, deputada federal Fernanda Melchionna, presidente da Frente Parlamentar em Defesa do Livro da Leitura e da Escrita, apresentou um projeto de lei que visa regulamentar a profissão de escritor no Brasil. Por sua vez, o Ministério da Cultura lançou o programa Territórios da Escrita, que cria um curso superior público e gratuito para novos escritores, com o apoio UFRGS.

põem a dançar em meio ao caos, destoam do caos imagético fruto do comércio, mas também compõem a estrutura transeunte efêmera do centro. O que dançam esses corpos em pleno dia no centro da cidade? Dançam as músicas que saem das portas das lojas, os sons dos ambulantes, os anúncios apressados em busca dos clientes e os barulhos das infinitas vozes que compõem esse espaço urbano? Poderiam dançar tudo isso, mas, nesse caso, são corpos que dançam imagens, corpografam códigos urbanos (PEREIRA, 2022, p. 284-285).

O autor se propôs à criação de práticas de intervenção urbana que situam a escola como microcosmo da sociedade, ou melhor, como plataforma poética e performativa na qual os licenciandos em teatro elaboraram os experimentos, e azeitou seu texto com imagens e referências que descrevem o sentido para além das palavras. Dada a efemeridade das propostas evidenciadas na pesquisa, entendo que o autor, após o escrutínio da banca, não lê o seu texto exatamente da mesma maneira como o escreveu, podendo reescrevê-lo posteriormente no formato de livros ou artigos para periódicos de prestígio acadêmico.

Nesse esteio, estou certo de que a universidade poderá pensar além dos horizontes e dos convencionalismos curriculares, para então imaginar uma outra formação de professores e pesquisadores, considerando os marcos teóricos e metodológicos da contemporaneidade e dando ênfase sobretudo à cultura, ao conhecimento prático e aos princípios especulativos que aliem à narrativa, criatividade, invenção e capacidade expressiva.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae (Org.). **Arte-Educação: leitura no subsolo**. 2ª edição. São Paulo: Cortez, 1999.

CARVALHÊDO, Tissiana dos Santos. Um pássaro que ensinava a voar, fragmentos do Teatro da Memória de Luiz Pazinni e suas ressonâncias. **Rascunhos**, Uberlândia v. 10 n. 3, mai-jun 2024, p.192-210. Disponível em: <v. 10 n. 3 (2024): Pedagogia das Artes Cênicas: outras epistemologias #2 | Revista Rascunhos - Caminhos da Pesquisa em Artes Cênicas (ufu.br)>. Acesso em: 26/06/2024.

CASTRO, Marcelo M. C. **Por que escrever? uma discussão sobre o ensino da produção textual**. 3. ed. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2018. E-book. Disponível em: <<https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/13360>>. Acesso em: 20/07/2021.

CERTEAU. **A invenção do cotidiano**: 1, Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michel. **Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa narrativa**. Uberlândia: Editora da UFU, 2011.

CONNELLY, Michael; CLANDININ, D. Jean. Relatos de experiencia e investigación narrativa. In: LARROSA, Jorge et al. **Déjame que te cuente: ensayos sobre narrativa y educación**. Barcelona: Laertes, 1995.

CODO, Wanderley; GAZZOTTI, Andrea Alessandra. Trabalho e afetividade. In: CODO, Wanderley (Org.). **Educação: carinho e trabalho**. Petrópolis: Vozes, 2006.

GEERTZ, Clifford e outros. **El surgimiento de la antropología posmoderna**. Compilación de Carlos Reynoso. Barcelona (ES): Limpergraf, 1998. Disponível em: <<https://www.google.com/search?client=firefox-b-d&q=El+surgimiento+de+la+antropologia+posmoderna>>. Acesso em: 18/05/2022.

GRANDO, Diego. A escrita criativa no contexto do ensino de literatura: inovação pela prática. In: X Congresso Ibero-Americano de Docência. *Anais...* Porto Alegre: Editora da PUC-RS, 2018. Disponível em: <<https://www.google.com/search?client=firefox-b-d&q=A+escrita+criativa+no+contexto+do+ensino+de+literatura%3A+inova%C3%A7%C3%A3o+pela+pr%C3%A1tica>>. Acesso em: 15/10/2022.

JAFFE, Noemi. **Escrita em movimento, sete princípios do fazer literário**. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

KOUDELA, Ingrid D.; SANTANA, Arão Paranaguá de. ABORDAGENS METODOLÓGICAS DO TEATRO NA EDUCAÇÃO. **Ciências Humanas em Revista**, São Luís, V. 3, n.2, dezembro, 2005. Disponível em: <[http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos\\_teses/2010/Arte/artigos/metodo\\_teatro.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/2010/Arte/artigos/metodo_teatro.pdf)>. Acesso em: 03/10/2020.

MATOS, João Carlos. Escrita criativa. **Cadernos de Estudo**, N.º 2, Porto, jun. 2005, p. 37-43. Disponível em Repositório ESPF, <<http://hdl.handle.net/20.500.11796/871>>. Acesso em 05/6/2020.



MONTGOMERY, C.; RUPP, A. A meta-analysis for exploring the diverse causes and effects of stress in teachers. **Canadian Journal of Education**, 2005, p. 458-486. Disponível em: <<https://psycnet.apa.org/record/2006-01914-010>>. Acesso em: 22/03/2021.

SANTANA, Arão Paranaguá de. **Experiência e conhecimento em teatro**. São Luís: Editora da UFMA, 2013.

SANTANA, Arão Paranaguá de. A Prática extensionista na formação do professor. reflexões, indagações e descobertas no âmbito do projeto Ação Cultural em Teatro. **Percevejo**, volume 1, p. 33-79, UNIRIO, 2009.

SANTANA, Arão Paranaguá de. Ler, refletir, escrever: uma prática necessária. **Educação e Compromisso**, Teresina (PI), v. 5, n.2, Ler, refletir, escrever, uma prática necessária. Revista Educação e Compromisso, Teresina, v. 5, n. 1/2, jan/dez 1993, página 23-32.

PEREIRA, Abimaelson Santos. **Pedagogia do teatro e estéticas do urbano: a cultura, a escola e a cidade na formação de professores**. 2022 – 164 pág. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Artes, UNESP, São Paulo 2022.

SCHECHNER, Richard. **Performance e antropologia de Richard Schechner**. Organização: Zeca Ligiéro. Rio de Janeiro: Ed. Mauad X, 2012.